



LUÍS VAZ DE CAMÕES

C.S. LEWIS, SOBRE O HUMOR DE CHESTERTON:

SEU HUMOR ERA DO TIPO QUE EU MAIS GOSTO – SEM “PIADAS” INSERIDAS NUMA PÁGINA COMO PASSAS NUM BOLO, E MENOS AINDA NUM TOM COMUM (O QUE NÃO SUPORTO) DE FRIVOLIDADE E JOCOSIDADE.

NESTA EDIÇÃO

Luís Vaz de Camões	1
Editorial	2
Nossa Gramática	2
Os Lusíadas de Camões	3
Os Lusíadas, canto V	3
A popular Carol	4
Chesterton e o padre detetive	5
Décadas atrás! Biografia	6

Poeta português, filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá e Macedo, Luís Vaz de Camões terá nascido por volta de 1524/1525, não se sabe exatamente onde, e morreu a 10 de junho de 1580, em Lisboa. Pensa-se que estudou Literatura e Filosofia em Coimbra, tendo tido como protetor o seu tio paterno, D. Bento de Camões, frade de Santa Cruz e chanceler da Universidade. Tudo indica que pertencia à pequena nobreza.

Atribuem-se-lhe vários desterramentos, sendo um para Ceuta, onde se bateu como soldado e em combate perdeu o olho direito - perda referida na Canção Lembrança da Longa Saudade - e outro para Constância, entre 1547 e 1550, obrigado, diz-se, por ofensas a uma certa dama da corte.

Depois de regressado a Lisboa, foi detido, em 1552, em consequência de uma rixa com um funcionário da Corte, e preso na cadeia do Tronco. Saiu logo no ano seguinte, inteiramente perdoado pelo agredido e pelo rei, conforme se lê numa carta enviada da Índia, para onde partiu nesse mesmo ano, quer para mais facilmente obter perdão quer para se libertar da vida lisboeta, que o não contentava.

Segundo alguns autores, terá sido por essa altura que compôs o primeiro canto de *Os Lusíadas*.

Na Índia parece não ter sido feliz. Goa dececionou-o, como se pode ler no soneto *Cá nesta Babilónia donde mana*. Tomou parte em várias expedições militares e, numa delas, no Cabo Guardafui, escreveu uma das mais belas canções: *Junto dum seco, fero e estéril monte*. Viajou de seguida para Macau, onde exerceu o cargo de provedor-mor de defuntos e ausentes, e escreveu, na gruta hoje reconhecida pelo seu nome, mais seis Cantos do famoso

poema épico.

Voltou a Goa, naufragou na viagem na foz do Rio Mecom, mas salvou-se, nadando com um braço e erguendo com o outro, acima das vagas, o manuscrito da imortal epopeia, facto documentado no Canto X, 128. Nesse naufrágio viu morrer a sua "Dinamene", rapariga chinesa que se lhe tinha afeiçoado. A esta fatídica morte dedicou os famosos sonetos do ciclo Dinamene, entre os quais se destaca *Ah! Minha Dinamene! Assim deixaste*.

Em Goa sofreu caluniosas acusações, dolorosas perseguições e duros trabalhos, vindo Diogo do Couto a encontrá-lo em Moçambique, em 1568, "tão pobre que comia de amigos", trabalhando *n'Os Lusíadas* e no seu Parnaso, "livro de muita erudição, doutrina e filosofia", segundo o mesmo autor.

Em 1569, após 16 anos de desterro, regressou a Lisboa, tendo os seus amigos pago as dívidas e comprado o passaporte. Só três anos mais tarde conseguiu obter a publicação da primeira edição de *Os Lusíadas*, que lhe valeu de D. Sebastião, a quem era dedicado, uma tença anual de 15 000 réis pelo prazo de três anos e renovado pela última vez em 1582 a favor de sua mãe, que lhe sobreviveu.

Os últimos anos de Camões foram amargurados pela doença e pela miséria. Reza a tradição que se não morreu de fome foi devido à solicitude de um escravo Jau, trazido da Índia, que ia de noite, sem o poeta saber, mendigar de porta em porta o pão do dia seguinte.

A 10 de junho, comemora-se o Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades Portuguesas.

Klaus Tolst
tolst.klaus@hotmail.com



EDITORIAL

Caros leitores.

Nesta edição temos a satisfação de abordar este grande ícone da literatura portuguesa, Luís Vaz de Camões. Certamente todo o estudante já deve ter ouvido ao menos falar dele, e sua relação com a língua portuguesa. Não somente pelo fato de ser naturalmente português, mas porque sua literatura, sua poesia, enriqueceu a língua portuguesa, dando-lhe juntamente com outros escritores de antes dele e posteriores, forma e desenvolvimento.

Se hoje lembramos de Camões em todo assunto que envolve o desenvolvimento histórico literário da língua portuguesa, também não podemos esquecer um aspecto fundamental que move de modo sublime personagens como ele, a convicção de que é pela língua falada e escrita que se consegue revelar o mais profundo e concreto do ser humano.

Fechamos que, neste mesma edição temos o destaque dado a um escritor inglês do século XX. Chesterton também não é sinal de notoriedade material e financeira pela literatura, e sua biografia confirma isso,

mas sua arte e amor pela língua o fez registrar o mais profundo do ser humano, inclusive a disposição a mudança de vida quando confrontado com uma verdade.

É testemunho, tanto de Camões como de Chesterton que a vida humana, na sua mais profunda e concreta realidade, consegue expressar na literatura sua mais evidente verdade, podendo transmitir de maneira clara e acessível a todos os espíritos o que fora descoberto.

Talvez já tenhamos falado isso, mas a literatura existe devido a língua e por ela ainda subsiste. Por isso, não podemos concordar com maneirismos e nem com gírias que tentam “modernizar” algo que espíritos cheios de amor pelas letras como Camões trabalharam para manter e alimentar.

Do mesmo modo, banalizar a língua com relativismos e defesas ideológicas de adaptações à outras culturas alheias ao desenvolvimentos natural e histórico da língua portuguesa, não podem receber nosso apoio em respeito a todos os que viveram e trabalharam com a língua. Pareceria negligente de nossa parte, enquanto grupo de motivação literária e cultural, desejar alimentar atitudes que adulterem a origem de tudo o que lemos e estudamos.

G Nossa Gramática

Regras de Acentuação Gráfica

As regras de acentuação estão relacionadas com o posicionamento da sílaba tônica (a sílaba pronunciada com maior intensidade). Há regras específicas para palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

Regras de acentuação de palavras paroxítonas

O que define a acentuação de uma paroxítona, palavra onde a penúltima sílaba é tônica, é a sua terminação. Veja abaixo as regras de acentuação de paroxítonas.

1. Paroxítonas terminadas em -r, -l, -n, -x e -ps

As palavras paroxítonas terminadas em -r, -l, -n, -x e -ps são acentuadas.

Exemplos:

Caráter / lúmen / córtex / bíceps

2. Paroxítonas terminadas em -ã e -ão

Paroxítonas terminadas em -ã e -ão, seguidas ou não de -s, são acentuadas.

Exemplos:

Órfã / órfãs / ímã / ímãs

3. Paroxítonas terminadas em -um e -uns

São acentuadas todas as palavras paroxítonas terminadas em -um e -uns.

Exemplos:

Fórum / fóruns

4. Paroxítonas terminadas em -om e -ons

Recebem acento gráfico todas as paroxítonas que têm terminação -om ou -ons.

Exemplos:

lâdom / prótons / elétrons / nêutrons

5. Paroxítonas terminadas em -us

São acentuadas as palavras paroxítonas terminadas em -us.

Exemplos:

Ânus / vírus / ônus / húmus / bônus / tônus / Vênus

6. Paroxítonas terminadas em -i e -is

As palavras paroxítonas terminadas em -i seguido ou não de -s, são graficamente acentuadas.

Exemplos:

Cáqui / bílis / júri / oásis / beribéri / biquíni / cútis / grátis

7. Paroxítonas terminadas em -ei e -eis

Recebem acento gráfico as palavras paroxítonas cuja terminação é -ei ou -eis.

Exemplos:

Hóquei / jóquei / pônei / saudáveis / amásseis

OS LUSÍADAS, DE CAMÕES

"Os Lusíadas", a obra-prima épica de Luís de Camões, é um monumento literário que não apenas celebra as conquistas dos portugueses, mas também encapsula a essência da identidade nacional portuguesa e explora temas universais como o heroísmo, a exploração, a glória e a tragédia.

Escrito no século XVI, durante a Era dos Descobrimentos, "Os Lusíadas" narra a viagem do navegador Vasco da Gama até as Índias, representando tanto a epopeia dos portugueses quanto a jornada humana em busca de novos horizontes. A estrutura da obra é magistralmente organizada em dez cantos, cada um deles repleto de imagens vívidas, descrições exuberantes e uma linguagem poética rica.

Camões incorpora uma ampla gama de personagens, desde os deuses do Olimpo até os heróis portu-

gueses e as figuras mitológicas, todos eles entrelaçados em uma tapeçaria épica que exalta as virtudes do povo lusitano. A figura de Vasco da Gama emerge como o

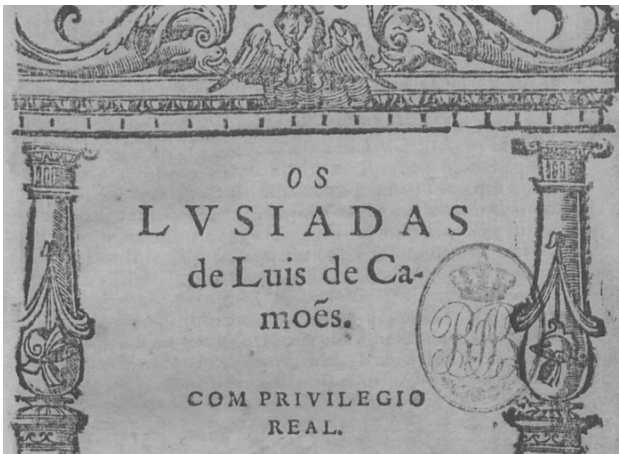
dição humana.

A riqueza linguística de "Os Lusíadas" é incomparável, com Camões demonstrando um domínio extraordinário do verso e da métrica. Seus versos fluem com uma musicalidade cativante, criando uma experiência de leitura que é ao mesmo tempo desafiadora e gratificante.

Em resumo, "Os Lusíadas" não apenas ocupa um lugar de destaque na literatura portuguesa, mas também transcende fronteiras culturais para se firmar como uma das grandes epopeias da literatura mundial. Através dessa obra monumental, Camões imortalizou não apenas os feitos dos navegadores portugueses, mas também a essência da alma humana em sua busca incessante por conquista e significado.

Pedro Dóxil

pedrodoxil.oleitor@gmail.com



herói central, cuja determinação e coragem personificam o espírito indomável dos portugueses.

Além da grandiosidade da epopeia, "Os Lusíadas" também é uma reflexão profunda sobre questões humanas e existenciais. Camões aborda temas como o destino, o amor, a honra e a perda, oferecendo insights atemporais sobre a con-

OS LUSÍADAS, CANTO V

Um dos trechos mais famosos de "Os Lusíadas" é o final do Canto V, onde Camões descreve a visão do Velho do Restelo, um personagem que expressa dúvidas e críticas sobre a empresa das navegações e conquistas portuguesas. Aqui está um trecho desse momento marcante:

*"Mas as saudades suas quem pode
Acabar de as sentir? Quem, em louvado
Falar de vossas armas, e da gente
Que é já tão esclarecida, e famosa?
Porém, quem espalhará por toda a parte,
Por mares nunca de nós navegados,
Novos vossos troféus, se os velhos
Deixamos, como já deixamos tantos?
Quantas cidades altas, sublimadas*

*Em soberba grandeza e força, foram
Pelos vossos antigos habitantes
Fundadas sobre largos alicerces!
Mas ó famosos já, e nunca mais
Igualados monumentos vossos!
Qual não deixastes vós, qual não deixastes
De vossos grandes feitos, alto exemplo,
Que do que pode ser pó não sejam,
Nem tenham em memória eterno emprego?"*

Nesse trecho, o Velho do Restelo lamenta o esquecimento dos feitos passados em meio às novas aventuras e empreendimentos. Ele questiona se as conquistas futuras serão realmente lembradas e celebradas como as antigas, transmitindo uma reflexão profunda sobre a transitoriedade da glória humana e a incerteza do legado deixado para as gerações futuras.



A POPULAR CAROL

Carol é um nome bem conhecido na rua onde mora, e olha que a rua onde mora é bem extensa, algo como uma caminhada em ritmo normal de uns 20 minutos. E como morava no final desta rua, caminhava por todo este trajeto até a escola que ficava bem na esquina no final na outra ponta da rua.

Hoje vou contar-lhes o que aconteceu durante uma dessas caminhadas, mais exatamente na caminhada de retorno para casa depois de ter participado das aulas na escola.

A popular Carol saía tranquilamente pelo portão da escola, após o soar da sirene, quando surge o primeiro evento do trajeto. Um cachorro de coloração caramelo aproxima-se de seus pés e deita-se de barriga para cima. Carol logo achou aquilo muito "fofo" e agachou-se para fazer carinho na barriga do inesperado cão caramelo, ficando este imóvel por uns dois minutos, quando ouviu e atendeu a um assobio que vinha do outro lado da rua. E lá se foi o afável caramelo. Carol levantou-se e seguiu a estrada.

Poucos passos adiante, um segundo evento interrompe a caminhada de Carol. Salta rapidamente do portão da casa onde ela passava a frente, um menino magro, quase esquelético, rindo ao ritmo de gargalhadas. Ela logo estagnou-se e repreendeu o

menino sobre o susto que tomou. O menino então pede-lhe desculpas e pergunta se ela não se chamava Carol, ao que ela responde que sim. Então o menino magrelo salta outra gargalhada e salta para dentro de sua casa.

Carol ficou sem entender o que teria acontecido, mas continuou sua trajetória para casa, afinal, o estômago já dava sinais de rebeldia por causa da fome.

Já no meio do caminho, um terceiro evento surpreende Carol em seus pensamentos. Uma menina, se equilibrando em uma bicicleta quase a atropela na calçada. Mais um susto para nossa popular Carol. A menina, que tinha aparentemente a mesma idade que a dela, pede-lhe desculpas e imediatamente salta rapidamente para a rua sem olhar para trás. Neste instante Carol pensa consigo, "hoje parece estar com azar".

Depois deste pensamento, Carol acelera o passo para chegar logo em casa, e já vislumbrando a casa onde mora, é surpreendida novamente. Um velho barbudo, usando uma bengala e já meio curvado pelo peso da idade, parece surgir do nada e interpela nossa pequena Carol:

- Menina! Viste um cachorro caramelo na rua?

Carol meio assustada responde imediatamente:

- Vi sim, na saída da escola. É o segundo que pergunta deste cachorro hoje.

- Por acaso o primeiro a perguntar do cachorro não foi um menino magrelo, meio debochado?

- Foi mesmo, como o senhor adivinhou?!

- Foi este menino quem o tirou do meu pátio e jogou na rua. Esse travesso! Minha neta foi tentar achar ele de bicicleta, mas não sei se vai achar.

E Carol se viu impelida a procurar o caramelo, num sentimento de colaboração. Pensou e voltou no trajeto em busca do cachorro largado na rua.

É deste modo que cresceu a popularidade da menina Carol na rua onde mora.

Anônimo

Todos os escritores que nos enviam seus textos podem escolher revelar o nome verdadeiro, deixá-lo em anonimato ou publicar um pseudônimo (Pseudônimo ou pseudônimo, é um nome fictício usado por um indivíduo como alternativa ao seu nome real).

Patrocinadores

Diário

Artigos

Seja Membro

"A fidelidade à própria consciência já é o início."

Seja Membro

Acesse o site oficial do professor Valderi da Silva
www.valderi.com.br

10 Publicações 68 Seguidores 13 Seguindo

Valmi Projetos & Comunicação
Serviço de escrita
E-mail: valderi@valderi.com.br
www.facebook.com/valmi.projetos

Painel profissional
Novas ferramentas já estão disponíveis.

Editar perfil Compartilhar p... Contato

O Leitor Cursos Serviços Novo

Assessoria Acadêmica

Siga no Instagram a página @valmi.pgc

← _oleitoroficial

67 publicações 75 seguidores 30 seguindo

O Leitor

O Leitor - Informativo Literário

Organização: @societas_literaria

Diretor: Valderi da Silva @prof_valderi_

Editor: Klaus Tolst @escritorweb (Twt)

Ver tradução

www.oleitor.info/

Seguindo(a) por odontofisioterapia, milena_melo_da_silva e outras 6 pessoas

Seguindo Mensagem

Edições Notas Dica Leitura Eventos

Você sabia?

Quem não conhece o...
Mito e a fábula do mito de...
Fase brincando com catenária e...
desenvolvimento econômico.

Janeiro

Siga no Instagram a página @_oleitoroficial

CHESTERTON E O PADRE DETETIVE



Não tenho dúvida que todos os leitores conhecem pelo menos um livro de investigação policial, onde sempre encontramos um personagem como o detetive, nem sempre sendo oficial de polícia ou de algum departamento oficial. Autores como Conan Doyle e Agatha Christie sempre saltam a mente quando falamos deste tipo de literatura, mas é claro o gênero não se resume a estes dois gigantes da literatura.

Hoje comento com grande prazer um dos personagens deste grande e sagaz escritor inglês, falo de Gilbert Keith Chesterton, mas conhecido simplesmente por G.K. Chesterton. E o personagem que este grande escritor deixou para os leitores de todos os tempos é uma figura que pode parecer estranha aos leitores de romances policiais de cunho investigativo. De altura não muito privilegiada, o padre Brown é o nosso detetive que desvenda casos aparentemente já concluídos, mas que escondem misteriosas intenções que não aparecem claras nas primeiras conclusões.

Lendo o livro *A Inocência do Padre Brown*, conseguimos ter uma avaliação deste personagem criado pela mente criativa de Chesterton. Uma postura típica dos leitores ao se deparem com personagens investigativos é a comparação com os de outros autores, e seguindo este “ritual” posso dizer que padre Brown oferece algo mais intelectualizado ao estilo de investigação policial, fazendo até com o leitor possa, vez ou outra, encontrar certo fastio em partes onde a explanação especulativa de padre Brown acaba tecendo-se por longos parágrafos.

O livro citado a pouco, é uma coletânea de vários casos onde padre Brown participou. A leitura é rápida, apesar de exigir do leitor certo nível de atenção ao que está sendo explicado, especialmente pelo sacerdote investigativo. Os casos quase sempre revelam intenções e culpados que quase escapam pela competência com que se executa o crime, muitos exigindo de padre Brown uma certa ajuda de seu amigo Flambeau.

Já que citei este amigo de nosso personagem principal, vale destacar que Flambeau fora pego por padre Brown, visto que este era um famoso criminoso. No entanto, depois de ser descoberto mais de uma vez pelo padre Brown na cena do crime, acaba por mudar de vida, tornando-se ele mesmo um detetive particular. Aqui o leitor precisa entender que a qualidade de sacerdote católico de padre Brown ajudou nesta conversão de Flambeau da vida de crimes a uma vida

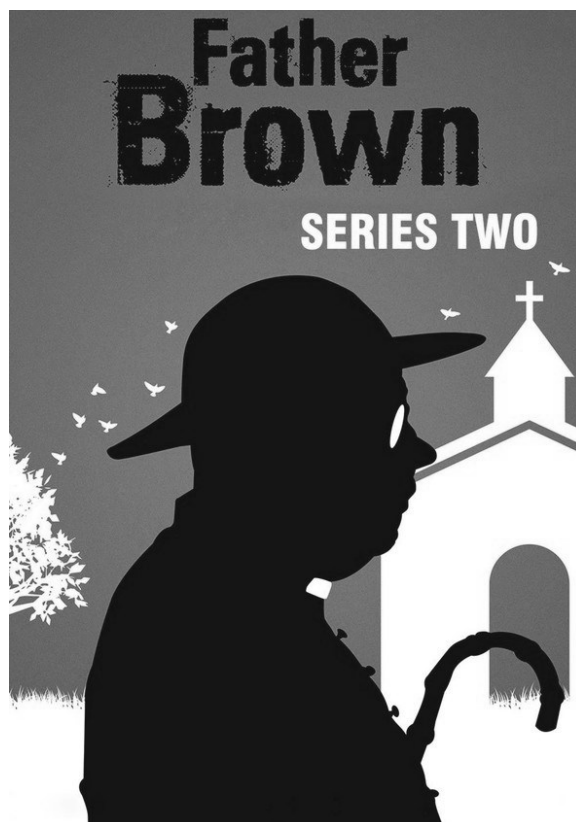
dedicada a evitar e investigar os crimes de outros criminosos.

Mas porque Chesterton criaria um investigador padre? Ou melhor: porque imaginar um padre como investigador? Já existe muitos comentários sobre isso no universo literário, mas aqui ousei dar minha opinião crítica sobre isso.

Chesterton também é um convertido, assim como ficou na vida de Flambeau. E na sua intelectualidade acadêmica, unida ao recente conhecimento e vivência da nova religião, poderia parecer interessante unir a expertise técnica de um observador inglês a humanidade e sobrenaturalidade de um sacerdote, que além do crime e do criminoso poderia enxergar o espírito de quem cometeu tal ato.

Nas aventuras investigativas do padre Brown, pode-se observar detalhes deste seu toque sacerdotal, de pastor de almas, como na própria investigação ao ex-criminoso Flambeau.

De modo quase geral, posso dizer que padre Brown é uma aventura suave ao espírito, onde sabemos triun-



far o bem, mas o modo como chegamos a esse desfecho, nos alimenta não somente o intelecto, mas o espírito encontrando em certas investigações detalhes comuns a vida humana de hoje.

A leitura das aventuras deste sacerdote detetive compensa o tempo gasto e aumenta em nós o amor à literatura como fonte inesgotável da imaginação humana.

Valderi da Silva
valderi@valderi.com.br



DÉCADAS ATRÁS!

B I O G R A F I A

G.K. Chesterton, nascido Gilbert Keith Chesterton em 1874, foi um dos mais proeminentes escritores, pensadores e críticos sociais do século XX. Ele nasceu em Londres, Inglaterra, e desde cedo demonstrou um talento excepcional para a escrita e para a observação perspicaz da sociedade ao seu redor.

Chesterton frequentou a *St. Paul's School* e mais tarde estudou arte na *Slade School of Art*, mas logo descobriu sua verdadeira paixão pela escrita. Ele começou sua carreira como jornalista, contribuindo para várias publicações, incluindo o "The Daily News" e "The Illustrated London News".

No entanto, foi através de seus ensaios e livros que Chesterton deixou uma marca indelével. Ele é mais conhecido por sua série de histórias de detetive protagonizadas pelo padre Brown, um personagem que encarna sua visão única da vida, da moralidade e da natureza humana.

Segundo Chesterton, a experiência sacerdotal, através da confissão, permite aos sacerdotes conhecerem o lado mais obscuro da natureza humana.

"E surgiu em minha mente a vaga ideia de dar um fim artístico a esses cômicos despropósitos que eram, ao próprio tempo, trágicos, e construir uma comédia na qual um sacerdote aparentemente não saberia nada, não obstante conhecesse o crime melhor que os criminosos. Coloquei essa ideia essencial em um conto pequeno e improvável chamado "A cruz azul", continuando através das séries intermináveis de contos com os quais afligi o mundo. Em resumo, permita-me a séria liberdade de tomar o meu amigo e dar-lhe uns quantos golpes, deformando seu chapéu e seu guarda-chuva, desordenando sua roupa, modelando seu rosto inteligente numa expressão cheia de fadiga e, em geral, disfarçando o padre O'Connor de Padre Brown" (PEARCE, Joseph. G.K.Chesterton: sabiduría e inocencia. Madrid: Encuentro. 2009. p. 125)

Além de suas obras de ficção, Chesterton também foi um prolífico ensaísta e polemista. Ele escreveu extensivamente sobre uma variedade de assuntos, incluindo política, religião, literatura e filosofia. Suas opiniões muitas vezes desafiaram as convenções da época e continuam a ser objeto de estudo e debate até os dias de hoje.

Chesterton converteu-se ao catolicismo em 1922, um evento que teve um profundo impacto em sua vida e em sua obra. Sua fé influenciou muitos de seus escritos posteriores, nos quais ele defendia vigorosamente

os princípios da religião e da tradição.

Ao longo de sua vida, Chesterton foi reconhecido por sua inteligência afiada, seu humor mordaz e sua capa-



cidade de expressar ideias complexas de maneira acessível e envolvente. Ele faleceu em 1936, deixando para trás um legado duradouro como um dos grandes pensadores do século XX. Suas obras continuam a ser lidas e apreciadas por pessoas de todas as idades e origens, inspirando gerações com sua perspicácia e sua visão única do mundo.

Valderi da Silva

valderi@valderi.com.br



Apoio e divulgação:

VALMI

Projetos G. e C.

fb.com/valmi.projetos

Instagram.com/valmi.pgc



Organização:

Societas Libri

Sociedade de Literatura

twitter.com/LibriSocietas

Instagram.com/Societas.Libri

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:

oleitor.info@gmail.com

Ou faça a assinatura mensal pelo link www.oleitor.info/assinatura